A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

NUMERO 34 PREÇO AVULSO 1 ESCUDO 12 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS E AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

O MAIOR JOGADOR PORTUGUEZ DE FOOT-BALL

Chiquinho!

VENCEDOR

E' proclamado pelo nosso grande concurso desportivo o jogador internacional, formidavel guarda-rede do Sport Lisboa e Bemfica, Francisco Vieira, com 2043 votos contra 1971 a favor de Jorge Vieira do Sporting Club de Portugal.

(Ver dentro a noticia do escrutinio)

F. VIEIRA

O DOMINGO ilustrado

ANO I — N.º 34

LISBOA 6 DE SETEMBRO DE 1925

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO Ilustrado

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N.—DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA — EDITOR LEITÃO DE BARROS—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

comentarios

O cúmulo do absurdo

Na já cronica questão das taxas militares ha um absurdo que a titulo de mera curiosidade para a historia das nossas contribuições, aqui arquivamos.

Um cidadão é chamado ao serviço militar. Cumpre com a lei, é soldado e aprende os respectivos exercicios.

A certa altura adoece e uma junta reconhecendo-o incapaz para o serviço, da-lhe baixa. Fica esse cidadão pagando uma taxa militar até aos 45 anos, pelo facto de ser doente. Mas, mais ainda: o pae do dito cidadão, tambem paga outra taxa pelo filho, como «ascendente responsavel!!»

Se se trata da hereditariedade, a moral deve então ser esta:

Paga o filho por ter sido filho daquele pae, e paga o pae que tal filho teve!

Mas, não haverá neste paiz uma cabeça no seu logar para olhar a serio para estas coisas inacreditaveis que se dão nos nossos impostos?

No seu lugar

Não temos côr politica—mas não abdicamos do nosso espirito critico perante os acontecimentos graves da nossa terra.

Temos assistido aos julgamentos dos ilustres oficiais que formaram os corpos directivos do «18 de Abril», e dali trouxemos uma confortante e consoladora certeza. Nesta vala de lama em que anda envolvida a «élite» do mando e do poder entre nós: ainda ha homens que sabem o que devem a si proprios.

Vimos chorar homens do povo, generoso e rude, deante dos depoimentos de Filomeno da Camara e Raul Esteves. Não houve um só que engeitasse responsabilidades e não se assistiu portanto á cobardia de tantos outros julgamentos. Jorge Botelho Moniz um rapazola energico, voltou-se para dez generais e disse-lhes: «Sinto-me aqui melhor no banco dos Reus do que ahi fóra». Não se lhe pode negar coragem moral.

«Victoria Casino Restaurant»

Em Paço d'Arcos passa-se o verão admiravelmente. Com a abertura do novo Casino, as noites, essas terriveis noites das praias e termas, são admiravelmente preenchidas, não lhe faltando nada para se passarem umas horas agradaveis.

SANTA IGNORANCIA

—Aquilo é o sol ou a lua?
—Não sei! Sou da provincia!

Má lingua

BANQUÊTES...

*Porque será,—já tenho perguntado—
que quando um cavalheiro se distingue
por perpetrar um livro plagiado
ou conquistar algum emprego «pingue»*

*lógo uma duzia ou mais de creaturas,
armadas em activa comissão,
organizam «banquêtes»—com farturas
capazes de arrombar um comilão?*

*Comer,—por um curioso preconceito—
é a unica (e cruel!) necessidade
que os homens teem sempre satisfeito
perante numerosa sociedade...*

*Mas, mesmo assim, lá tem, por mais que a dóme,
uma marca de instincto natural;
o genio mais genial, emquanto cóme,
realiza vis funções de um animal.*

*Se a um poeta que em canções peccaminósas
seu morbido sentir evidenciou,
entre varias bebibas espumosas
servirem delicados «tourne-dos»;*

*se a um politico insigne, que do Tacho
se arvorou em ferrenho guarda-costas
com molho branco de innocente Glaxo
em baixellas Germain servirem postas;*

*se, a um senhor qualquer que tem Grã-Cruzes
por ter faltado a uma palavra dada,
forem servir entre crystaes e luzes
salada de pepino e peixe-espada;*

*se emfim, a qualquer vulto em evidencia
servirem o pitéu que mais lhe agrade
acaso isso accrescenta a refulgencia
que elle hade ter para a posteridade?*

*Não vejo em quê. A Historia hade fallar
sem olhar aos petiscos engulidos;
se fala nos festins de Balthazar
não consta que lhe fossem off'recidos...*

*Nem consta que a canêta de Herculano
fosse um osso de frango, ou de morcêgo,
que cahisse do prato de um fulano
banqueteado nas Cortes de Lamêgo...*

*Talvez possam cuidar que eu fallo assim
com tão furioso e truculento assomo,
porque nenhum banquête é para mim;
—e fallo, e fallo, só porque não como.*

*Não sei lá se no fundo do meu ser
germina esse invejoso pensamento...
Só sei,—e alguns o ficam a saber,—
que por mais que se matem a comer
não me fazem «comer» que têm talento.*

TAÇO

questão prévia

TIREI-ME dos meus cuidados e fui até ao Arsenal passar uma tarde destas a ouvir os interrogatorios dos presos politicos duma das ultimas e definitivas revoluções intestinas.

Achei a sala do Risco curiosamente arranjada. Em torno dumas mesas de pinho alguem havia pregado um saiote de flanela de algodão encarnada, não sei bem com que fim.

Devia ser a indumentaria da justiça, aquela justiça que precisa que os advogados usem ainda um guarda-pó preto e os meirinhos um balandrau sebento. Havia cadeiras de espectadores e bancos de reus cheirava áquele bioxido de infanteria de antiga memoria, e—Deus me perdôe!—havia tambem um ar irresistivel de opereta em certas fardas agaloadas dum oiro barato.

Ouvi, nessa tarde singular, o depoimento de dois homens velhos, e o dum rapazote: Filomeno da Camara e Raul Esteves os mais velhos; Jorge Botelho Moniz, o mais novo.

Estavam em frente destes homens, com pouco ar de acusadores, uma meia duzia de generais—e esses generais tinham mais a expressão de reus que a de julgadores.

Lia-se-lhes na fisionomia—«estamos aqui e não sabemos bem porquê». Houve um reu que ergueu a voz e lhes disse: «estou aqui melhor moralmente do que se estivesse nas cadeiras de V. Ex.as». Esta frase estava no ambiente da sala, e na totalidade do publico que a ela assistia.

Os mais velhos falaram em nome do passado. O mais novo falou em nome do futuro.

Cometeram estes homens afinal um crime, ou, pelo contrario, arriscaram heroica e abnegadamente a sua tranquilidade e as suas vidas na ideia generosa do bem comum?

O paiz não é um centro partidario nem um almoço politico, por muito bem que se coma e por muitos talheres que haja á mesa. E é o paiz que manda de direito. Ha dez ou doze homens publicos em Portugal que se supõem os estadistas predestinados a salvar «isto». Estão convencidos de que a sua ação individual e a sua energia de combate são as qualidades indispensaveis á redempção coletiva—quando, se estivessem dispostos a não almoçar mais juntos e a trabalhar com inteligente acordo, acabariam por vencer individualmente.

Alvaro de Castro, Cunha Leal, Antonio Maria da Silva, José Domingues dos Santos, Domingos Pereira, Brito Camacho e outros que tal, não são homens de genio, nem nada que se lhes pareça. Mas, se as suas inteligencias medianas egualassem o seu bom senso, teriamos de facto uma «élite» interessante e capaz de guiar regularmente os nossos destinos. E, essa «élite» para governar, não pode dispensar, seja ela radical ou reacionaria, a força organisada do exercito.

Os oficiais presos agora, disseram: Nós sômos a força e queremos aplica-la bem.

Quem a quer aproveitar? Correram todos a pucha-la para cada lado, e dahi resultou que ninguem a obteve, e ninguem dela tirou o proveito justo. Por isso na sala do Risco entre as mesas de saiote vermelho não ha neste momento nem reus nem acusadores, mas um ameno cavaco de oficiais que estão representando infelizmente uma dolorosa farça.

André Godim

AOS NOVOS

O «Domingo ilustrado» não segue a doutrina de restringir as suas colunas apenas aos amigos. Por isso em breve vai abrir um concurso de novelas, no estilo das que temos publicado.

No proximo numero daremos as condições desse concurso.

écos

Foguetes de... lagrimas

Na Praça dos Restauradores costumam as emprezas de corridas de touros fazer anunciar as suas funções com uns tantos foguetes de tres respostas na vespera da corrida.

Até aqui não tem o caso coisa de maior visto ser a continuação de uma tradição de gostos estupidos e imbecilmente alimentada.

O que porem não segue na mesma ordem de ideias, é o caso de, ou porque o fabrico seja mau, ou porque o fogueteiro não saiba do oficio, nos lançamentos dos foguetes nem sempre estes vão para o ar e de quando em quando acontece virem estoirar sob os pés de quem toma um pouco de fresco nas varias esplanadas circunvizinhas.

Senta-se um cidadão a tomar a mais prosaica carapinhada e ás duas por tres vae-lhe um rebentar de bombas por debaixo dos pés que o desgraçado julga que estão a proclamar outro regime de egualdade e fraternidade e mal lhe chega o corpo para o susto.

Recomendamos o caso á Sociedade Propaganda de Portugal já que a C. M. L. anda a pensar nos passes que a Companhia Carris tem de distribuir gratuitamente aos mui dignissimos vereadores...

«A cidade onde a gente se aborrece»

Recebemos um album com a documentação grafica da magnifica «mise-en-scene» daespirituosa revista de André Brun. Nele fica um belo atestado de bom gosto artistico de Henrique Santana, o habil director artistico do Eden-Teatro.

Gogeldo de Santa Justa

Por lhe notarmos uma certa vocação, aconselhamos-lhe: Deixe o humorismo que é muito mais dificil do que pensa. Tente qualquer coisa no genero das nossas novelas, rapidas, sem elevações literarias, profundamente humanas e focando casos dos nossos dias.

40 graus á sombra

Tanto se disse que este verão se parecia extraordinariamente com o inverno, que de repente, por pirraça concerteza, cae sobre nós um suadouro de sol violento que Lisboa durante dia e noite anda sem colete e de boca aberta.

As bebidas frescas vendem-se aos almudes, ás pipas, nos chafarizes ha bichas em busca de agua que, regundo o estudo que se vem fazendo da dez anos, hade faltar por força na opinião de todas as entidades encarregadas de mandar «nisto».

PARA ANIMAR

—Não ha mais remedio que corta-lhe as duas pernas! Mas não se assuste que antes de um mez já você estará a pé!

O que se lê

«A BAILARINA LOIRA»—por Augusto Navarro (Porto, 1925).

O romance «A Bailarina Loira», que julgo ser a estreia do seu autor, se não revela grandes qualidades de imaginação, distingue-se pelo sereno ambiente estético que envolve as suas paginas, onde não se nota o desorientado balbuciar duma primeira infância literária.

O snr. Augusto Navarro, que tem todas as probabilidades de vir a impor o seu nome, consegue recrear a atenção do leitor, narrando um qualquer «fait-divers» de caracter amoroso. Isto, só por si, é prova de reais méritos.

No entanto, parece-me que o novo autor só terá a lucrar se não esquecer que o «romance de arte», genero de nebuloso destino que tem em D'Annunzio o seu representante maximo, exige qualquer cousa mais do que uma indiscutivel vocação. Exige um absoluto equilibrio de forma, um forte poder de dominio e de «contrôle» sôbre a propria espontaneidade, e, sobretudo, uma clarissima noção do que sejam, em literatura, o ridiculo e o sublime...

Na «Bailarina Loira», o snr. Navarro conseguiu «quasi» disfarçar a falta destes atributos, falta que é inevitavel num principiante. Mas isto só é razão para que antes de escrever outro «romance de arte» reflicta bem que, perante essa variedade literária, as atitudes do leitor costumam ser apenas duas: bocejar ou vibrar de entusiasmo... Ora nem todos os «romances de arte» teem a boa sorte de «A Bailarina Loira», que obriga o leitor a uma nova atitude: admirar, admirado de não bocejar...

«VOCABULARIO TECNICO PORTUGUÊS—INGLÊS—FRANCÊS»—por F. de Carvalho Henriques (Lisboa 1925)

Este livro não é apenas util a engenheiros e arquitectos, porque o seu aparecimento veiu preencher uma lacuna que só não terá sentido quem ande completamente alheio a quaisquer leituras de caracter scientifico ou mesmo quem não pretenda ser um simples leitor consciencisso, e, por isso, não reconheça a vantagem de ter á mão um instrumento que permita tirar quaisquer duvidas sôbre o significado de termos técnicos que, em obras de todo o género, são hoje frequùentemente empregados.

«IRONIA PAGÃ»—parodia em verso por Carlos Fernandes da Cruz (Lisboa, 1925).

E' um comentário em verso a um livro de rimas chamado «Sinfonia Pagã». No fim da paródia vem—tambem por paródia...—uma compilação das referências que os jornais devem fazer ao folheto do snr. Carlos Cruz.

Só por falta de espaço não transcrevo a que é atribuida ao «Domingo Ilustrado» e que subscrevo como se fosse, realmente, da minha autoria. Faço apenas a restricção de que não empregaria, por impropria, a palavra «poetisa», e de que tendo de escolher entre a paródia e o livro que dela é alvo, não me encontraria em tal dificuldade que fosse necessário ir importunar o diabo, para êle decidir; eu optava sem hesitação, pela obra do snr. Cruz...

Tereza LEITÃO DE BARROS

FALSA GARANTIA

—A senhora disse-me que as luvas me durariam um ano!
—E' verdade e depois?
—Depois... perdi-as hontem!

Crónica alegre

Carta aberta a uma senhora que veranêa em Cintra

Lamenta V. Ex.ª o facto de eu me deixar ficar por Lisboa, despresando as bucolicas poesias dessa linda terra, com prejuizo violento dos meus destemperados nervos e da minha sensibilidade, já tão roçada da vida alfacinha.

De facto, tambem eu lamento que assim aconteça mas, depois que os ilustres hoteleiros da nossa patria, deliberaram descobrir o Brazil nas algibeiras de cada um, as praias e termas

voaram da minha fantasia, por absoluta falta de espaço.

De resto, «isto», para quem por cá fica, não é feio de todo e, sem querer menosprezar o poetico ambiente de poeira, em que V. Ex.ª vive estes dois meses, tem até algumas vantagens sobre a vida de Cintra, Figueira, Luzo ou Pedras Salgadas. Tudo que V. Ex.ª ahi tem, tenho eu, sem o trabalho de amolgar os ossos nas carruagens de caminho de ferro.

V. Ex.ª tem ahi o Castelo dos Mouros, ruinas historicas e convidativas á meditação.

Eu tenho cá o Castelo de São Jorge, não menos historico e muito mais para meditação, principalmente em noite de boatos.

V. Ex.ª tem a Pena, um feixe de recordações e um esfalfamento para quem fôr a pé.

Aqui em Lisboa, as Penas são muito mais numerosas: Os preços, as casas, a falta de tudo! V. Ex.ª calcula lá a Pena que tudo isto faz!

Ah! Sim! A fonte dos passarinhos, a fonte dos amores, a cruz alta... Mas tudo isso tenho eu pé da porta! Onde tem V. Ex.ª os passarinhos da Praça de Camões? e de chafarises? não tenho eu o chafariz de Andaluz e não andam a namoral-o grandes passaros?

Conrespeito a Cruz Alta, creio que é bem mais alta esta que andamos levando em forma de contribuições e impostos. V. Ex.ª ahi sustenta uma guerra constante com as moscas e as formigas. Por cá sucede o mesmo com a diferença da guerra ser muito mais violenta.

Ahi não ha carne, não ha fruta, não ha legumes não ha peixe, não ha nada. Em Lisboa sucede perfeitamente o mesmo.

V. Ex.ª se vai passear um pouco, vem para casa coberta de poeira e com os olhos inflamados. A mim, basta-me atravessar o Rocio, para me suceder exactamente a mesma coisa.

Aos domingos, tem V. Ex.ª de vir até Lisboa afim de angariar donativos com que possa manipular um insuficiente jantar para as pessoas que a visitam. Aqui, livro-me facilmente do aperto porque ninguem me visitará, visto ser habito velho ir passear-se ao domingo para fóra.

No que respeita a falta de limpesa, tambem os que ficam na cidade estão muito melhor servidos que V. Ex.ª. Ahi, ainda chove de quando em quando, aqui, nem isso.

Distrações? Passeios?

Ninguem extranhará que eu que fico em Lisboa, vá passear um dia a Cintra, ao passo que toda a gente achará extranho que V. Ex.ª que foi para Cintra, venha passear um dia a Lisboa.

Já vê pois V. Ex.ª que afinal, feitas as contas, eu ainda ganho ficando em Lisboa.

—Mas—dirá V. Ex.ª—E o ar? E o sol!

O sol é perfeitamente o mesmo só

com a diferença de ali escurecer medonhamemte a pele e aqui nem por isso, e a respeito de ar, se caio na asneira de dormir de janela aberta, é um ar que me dá!

A mudança de ares?

V. Ex.ª não faz a mais pequena ideia do que custa agora uma mudança! Olhe que só por levar uma carta á Rua das Pretas, pede qualquer moço vinte e cinco tostões!

Não minha senhora. O veraneio é um defeito que tem de ser suprimido depois que as cidades como Lisboa, atingiram o desenvolvimento proprio das grandes capitaes.

Quantas vezes V. Ex.ª não terá suspirado pela sua cama de Lisboa e seu marido não se terá zangado porque a escova do fato não tem sitio certo!

Emquanto que se V. Ex.ª não fosse para fóra, tudo estaria em ordem, a tempo, sem louça partida nem vestidos desbotados pelo sol.

E quer V. Ex.ª uma grande prova das minhas razões? A' volta toda a gente lhe perguntará porque não vem mais gorda, ao passo que a mim, ninguem quererá saber se estou mais magro.

Henrique Roldão

NO PROXIMO NUMERO

UMA GRACIOSA NOVELA HUMORISTICA

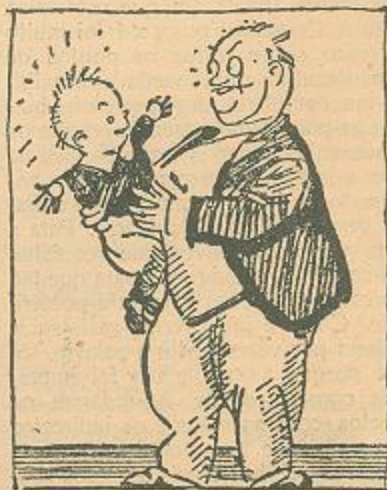
O HOMEM QUE SE FARTOU DE SER HONRADO

ORIGINAL DE

André Godim

O CASO DO SILVESTRE

CRONICA ALEGRE DE HENRIQUE ROLDÃO

ASPIRAÇÃO

A CREANÇA:—Abaixo o colegio!
O PAE:—Que dizes desgraçado?
A CREANÇA:—Quero ser analfabeto para chegar a ministro de Instrução!

OS SPORTS NA PROVINCIA

(DOS NOSSOS CORRESPONDENTES ESPECIAES)

PORTO

1 Kilometro lançado

PORTO, 1—36.º. Foi a quanto subiu, á sombra, o mercurio no passado domingo. E ao sol teve o escrevinhador que estar na Avenida da Boavista... esperando, umas poucas de horas. Na nossa terra a vida decorre sempre entre espéras. Mas apesar de estarmos absolutamente habituados a esperar, no domingo ... desesperamos. A culpa evidentemente foi do Sol. Os organisadores não teem nada que ver com a caricia dos seus raios. Nem tampouco foram eles que obliquaram o eixo da Terra. Mas como quasi tudo tem um fim, cerca das 4 h. iniciaram-se os percursos.

Resultados:

3.ª categoria.—Indian-J. J. Gonçalves
4.ª » —Salmsom 6 Joaquim Esteves.
5.ª categoria—Bugatti-Alfredo Marinho.
6.ª categoria — Bugatti-Carlos Bleck.
7.ª » —Turcat Mery—Mario Martins.
8.ª categoria—Turcat Mery -- Mario Martins.
9.ª categoria—Bugatti—José Ferreirinha.

Carlos Bleck ganhou o 1.º Premio da classificação geral com a media de 121 h. O melhor lançamento foi feito pelo Turcat Mery em 29 s.

A pista,—que a Camara Municipal civilisou—,fez decerto lembrar aos carros as belas estradas dos seus paizes.

Organisação: Se nos esquecer-mos da intoleravel espera e da cronometragem electrica encravada, foi boa.

Concorrencia: Razoavel.

Faltas de comparencia: Muitas, se a inscrição era como se disse de cincoenta carros (?).

WATER-POLO

O match (final) em que o Nautica bateu o Comercial por s x 1 foi muito pitoresco sobre todos os pontos de vista. Resultou numa verdadeira exibição em conjuncto de eloquencia, box e water-polo. De eloquencia porque os jogadores inflamados (estando eles na agua, a imagem é arrojada) com o andamento do jogo trocaram entre si frases verdadeiramente lapidares. Para a outra vez será conveniente requisitarem-se alguns taquigrafos para que tão expressivas orações passem á posteridade. Como é inevitavel, a assistencia tambem por vezes pediu a palavra. De Box porque a «noble art» foi empregada constantemente. Abundaram os directos com as mãos e os indirectos com os pés e para terminar houve a indispensavel desistencia dum dos contendores; naturalmente foi o vencido que abandonou. Resumindo: uma lastima, uma vergonha.

Em Leixões realizou-se o festival nautico. Não assistimos. Pelos jornais soubemos que resultou animado. O Beira Mar de Aveiro evidenciou-se.

A prova do Atleta Completo levada a efeito no Palacio de Cristal pelo Sport C. do Porto foi ganha por Antonio Jorge Dias seguido por Luiz Retumba e Adolfo Brito.

R. ENCARNAÇÃO

Setubal

SETUBAL, 20—Reuniu em assembleia geral o Victoria Foot-Ball Club, para aprovação do relatorio e contas, e eleição dos novos corpos gerentes, para 1925-926. Antes da eleição foram aprovados por unanimidade diversos votos de louvôr, um dos quaes á imprensa.

Para meza da Assembleia Geral, foram eleitos: Presidente Henrique Rosa; vice-presidente Eugenio Moreira Rodrigues; 1.º secretario Cristiano Abreu; 2.º secretario, Anibal Reudas. Direcção, Presidente Mariano Coelho; vice-presidente Luiz Carvalho d'Oliveira; 1.º secretario, Alves da Mota; vogaes: Manuel dos Santos e João Bicho; Tesoureiro Augusto Tormenta.

Suplentes: Augusto Pedrosa, Eduardo Silva, Manuel Silva e João Duarte.

Conselho fiscal, Pedro Carocho, Carlos Sá Teixeira e Jorge Raimundo.

—Na Quinta da Bela Vista, ao Rio da Figueira, adquiriu por arrendamento, O União Foot-Ball Comercio e Industria, terreno para ali ser construido o seu campo de jogos.

SETUBAL. 24—Organisado pelo Sport Club Figueirense realisou-se hontem uma prova ciclista num percurso de 30 quilometros.

Chegaram em 1.º, 2.º e 3.º logares, José Augusto, Edmundo Fava e Joaquim José Rolão.

—Em todos os dias uteis das 21 ás 24 horas, até 5 de Setembro, encontra-se aberta a inscrição para os socios do «Victoria» que desejem praticar o foot-ball, na proxima epoca.

Para os nossos pobres

Transporte........	86$00
Estam é toda a minha vida. . .	3$00
Um que ama uma Hermengarda..........	1$50
Acesnofe Mariu..........	$50
Robison soldado..........	5$00
Irlandezes e Mondego......	9$00
O melro ferido..........	2$50
Um assinante da Agencia de Gouveia,............	10$00
Gustava..........	2$00
Um Coruchense..........	4$00
Fernando Rodrigues........	20$00
A transportar.......	143$50

O nosso grande concurso de foot-ball

Reunimos nas salas da nossa redação um grande grupo de amigos e sportistas e perante eles procedemos á contagem dos selos com os votantes tendo-se logo verificado uma grande maioria nas senhas com os nomes de Jorge Vieira e de Francisco Vieira.

Contando-se e verificando-se a contagem obteve-se para

Francisco Vieira....	2.043
e para Jorge Vieira..	1.971

o que tornou vencedor o famoso guarda-redes do Sport Lisboa e Bemfica, que assim ficou historicamente como o jogador portugues que em 1925, num concurso popular e enorme obteve o maior sufragio para az nas suas eminentes qualidades footbalisticas.

Daqui felicitamos o grande «sportsman» e o velho e prestigioso club de que faz parte, na convicção de que, com este modesto esforço da nossa parte em alguma coisa contribuimos para manter o entusiasmo que deve rodear o grande espectaculo desportivo que é o foot-ball.

Foram depois verificadas as listas dos jogadores mais votados, tendo-se chegado a estas conclusões que foram examinadas por todos os presentes.

Cesar de Matos . . .	387 votos
Antonio Pinho	326 »
Victor Hugo	212 »
João Francisco. . . .	193 »
Jaime Gonçalves . . .	191 »
Tamanqueiro	109 »

Alem destes jogadores mais alguns obtiveram votos, inferiores porem em numero, a uma centena.

Ha 10 listas ininteligiveis, sendo uma delas, com o nome de Vieira, que não sabemos a quem atribuir, se a Jorge se a Francisco.

Oportunamente procuraremos o ensejo de entregar a Francisco Vieira, o *Premio de Vencedor* deste coucurso, o que faremos de acordo com a Direcção do Club a que pertence, e desde já os nossos parabens pela victoria que acaba de alcansar e que o é, de facto, por partir donde parte.

CAMPO PEQUENO

COM pouco mais de meia lotação, realisaram-se na terça-feira duas corridas na mesma noute, sendo a primeira para adultos e vacinados e a segunda para menores donzeis e castos, como casto foi o trabalho que executaram.

Os touros da primeira corrida, propriedade do nosso primeiro lavrador, sr. dr. Emilio Infante, sairam tão bravos que o seu dono e senhor foi vitoriado por vezes e chamado á arena, recebendo bastantes e justos aplausos.

Na lide a cavalo, sobresaiu o valente e estudioso profissional Antonio Luiz Lopes, que farpeou dois touros talvez os mais «arrevesados» da manada, nos quaes prendeu alguma ferragem de grade mestre.

Ricardo Teixeira, que abriu praça com um touro bravo e voluntario—o melhor da corrida—depois de ter cravado tres compridos e um curto, aplaudidos, teve a infelicidade da montada ir abaixo das mãos, sendo cavaleiro, cavalo e touro «embrulhados», precisamente no mesmo sitio onde o saudoso Fernando de Oliveira sofreu a sua colhida mortal.

Após o desastre de Ricardo Teixeira, colhida de muito aparato e pouca importancia, aquele voltou á arena e quando recebia uma carinhosa manifestação de todo o publico, é acometido de uma sincope, sendo novamente levado á enfermaria, de onde voltou pouco depois, completamente restabelecido.

O espada «Rafaelillo» colocou alguns pares de bandarilhas e com o capote e a muleta desenhou qualquer cousa que não desagradou a uma parte da assistencia.

Segue-se o intervalo e depois abre a corrida infantil, o jovem cavaleiro de 12 anos. Artur Costa, que foi vitoriado no final do seu trabalho.

O seu colega, tambem minusculo, Henrique Sales, de Santarem, sobresaiu no toureio e equitação, dando mostras de vir a ser no futuro um excelente cavaleiro.

O espada «Lafarque», de 62 centimetros pouco mais ou menos... brincou com dois «chibitos», quasi invisiveis, ouvindo muitas palmas e olés.

A direção das duas corridas a cargo do ex-bandarilheiro Manuel dos Santos, satisfez.

ZEPEDRO

Cinemas, teatros e circos

A' Sucapa...

Floridor e Burromeu

Luiz Ruas, o ultimo emprezario a abandonar a barricada que por tempos defendeu o teatro das arremetidas milicianas, pensou agora em voltar de novo ás lides administrativas. Tratou com Ilda Stichini e Rafael Marques e propoz-se a fazer a exploração do Teatro Apolo.

Chegou-se á Inspeção Geral dos Teatros (uma especie de Teatro Novo com domicilio no Ministerio da Instrução) e ahi soube que... não podia fazer a exploração sem apresentar um fiador de 130 contos.

Argumentou, puxou pelas suas razões de empresario oficial, sem dividas, com mais de vinte anos de honesta vida teatral, mas a esfinge ficou imovel.

Logo os actores já falados para a companhia, viram o caso mal parado e a exploração por agua abaixo quando Luiz Ruas teve uma ideia. Que Rafael e Ilda formassem a empreza e, como a Inspecção Geral dos Teatros não teve a menor duvida em aceitar Luiz Ruas como fiador d'aqueles dois artistas, eis que o teatro abre dentro da lei!

E Luiz Ruas descobriu que pode ser fiador dos outros mas não pode ser fiador de si proprio!

Dinheiro para o Nacional

Ainda não ha quem vele o cadaver do Teatro Nacional. O Sr. Bento Mantua, que está mal do estomago, mandou dizer que só lá ia com plenos poderes.

Tremeram algumas saias—e foram logo ao ministerio algumas calças. Parece-nos inutil tanta reviravolta pois já se sabe de ante-mão que o que convem ao Nacional é uma pessoa que pague aquilo que o Estado não quer ou não pode dar.

Seria util um anuncio nestas alturas concebido assim:

TEATRO NACIONAL
ALMEIDA GARRETT

«Capitalista disposto a perder 100 contos redondos com algumas peças originais e de desagrado certo, precisa-se.

No ministerio da Instrução se diz.»

o momento teatral

TREMIDINHO

Simbolo do teatro português, passa a ser o nosso critico teatral

Não mais «André Godim!» não mais «Homem que passa!». Do proximo numero em diante, «Tremidinho» o conhecidissimo aficionado do nosso teatro, passará a assinar as criticas das peças que se representem em Lisboa.

Não deve parecer extranha esta colaboração.

«André Godim» conhece e é conhecido em todos os nossos teatros. Prendem-n'o amizades, simpatias e infelizmente, como a gente de teatro em Portugal, móra toda na mesma escada, não podia uzar de seu criterio como devia. Ou dizia bem e passava aos seus proprios olhos por imbecil, ou dizia mal e lá tinha o visinho do primeiro andar ou do segundo, a bater-lhe á porta zangado.

Tentou resolver o caso com as «criticas a rir» mas não remediou o mal. Nos outros teatros achava-se piada, mas no local onde falava a critica, tudo andava de beiço cahido.

«Homem que passa» tem os mesmos defeitos por isso, na boa intenção de bem servir os nossos leitores, em harmonia com os lindos espectaculos que os teatros de Lisboa nos veem oferecendo ha uns tempos para cá, resolvemos convidar o «Tremidinho» que ninguem de boa vontade poderia tomar como faccioso, vendido a empresas, impingidor de traduções ou encarregado de tornar «estrela» qualquer actriz sem valor.

Profissional de Teatro, «Tremidinho» conhece á maravilha o nosso meio. Ele proprio é um simbolo do nosso meio teatral. Fraco, com trinta e seis doenças conhecidas, ora cae ora se levanta, empurrões da direita, encontrões da esquerda, tal como a nossa querida arte dramatica e os intelectuaes que a compõem, «Tremidinho» vae por certo mostrar o que vale e, ao pé de tantos criticos que pela imprensa andam largando lôas, ele não fará má figura e ainda poderá levar as lampas a muitos consagrados.

Não mais «André Godim»! *Não mais* «Homem que passa»!
Tremidinho! Tremidinho! e só Tremidinho!

A. C. T. T. inconprehensivel

Na passada segunda-feira houve uma assembleia geral de actores e actrizes. Diziam os programas que se ia tratar de «casos gravissimos» e por isso, a afluencia foi anormal. A's tantas o sr. presidente declarou aberta a sessão e entrou na ordem dos trabalhos: «Casos gravissimos para a classe dramatica»:

Ninguem toma a palavra e todos esperam que alguem iale.

Então o sr. presidente vendo que ninguem sabe o que são os casos gravissimos, delibera encerrar a sessão.

Parece porem que o caso foi apenas um truc-reclame do homem do bufete para ter mais alguns comensaes...

Almoços de homenagem

Beatriz Delgado a mais pagã das nossas poetisas, acaba de ser contratada para o Teatro Maria Vitoria onde irá representar o genero revista.

Não comentamos o facto da creadora do «Homem do papagaio» ingressar n'um genero que a alta critica luzitana considera inferior. Cada um póde fazer do talento que tem o que melhor lhe der na gana. O que merece o nosso reparo é o facto de ser oferecido á ilustre futura-vedeta um almoço de homenagem pelo seu recente contrato!

Pois a crise dos desempregados de teatro é tão grande que, quando uma actriz recebe um contrato já é caso para um banquete?!

O sidicato da critica

Um grupo dos jornalistas que costumam habitualmente fazer nos varios jornais as noticias de teatro, oficiou ao Ministro da Instrução solicitando-lhe passa-porte diplomatico para o nosso presado colega Alvaro Lima ir ao estrangeiro estudar as organizações congeneres, e notificando ao titular daquela pasta o seu intento expresso de imediatamente se organisarem, a bem do teatro português.

Cremos piamente nas suas bôas intenções, assim como temos a certeza de que Alvaro de Lima podera fazer uma linda viagem, o que sinceramente lhe desejamos, mas não encontrará por toda a Europa nenhum sindicato, de criticos.

Será bom recordarmos que precisamente neste momento, a França pela boca dum dos seus eminentes homens de teatro, teve esta fraze desoladora:

—Criticos? Não prestam. Se prestassem faziam peças...

Lolita Baldó

A nossa pagina Actualidades Graficas publica hoje o retrato de Lolita Baldó, autentica estrela de baile no visinho reino e que ao Alhambra veiu dar noites verdadeiramente sensacionaes de arte e de belesa. Lolita Baldó, peregrina figura de artista e de mulher formosa, dotada de invulgar elegancia, sempre correta nos seus bailados, escolhidos entre os de maior sensação, trajando a rigor, estilisando o seus donairosos requebros, é hoje uma colossal bailarina, rival das mais conhecidas bailarinas da Hespanha artistica, daquelas a que o grande publico chama «nome de cantora». A sua carreira feita nos mais categorisados palcos hespanhoes, das mais importantes cidades, tendo, ainda ultimamente, feito uma larga temporada no «Estambul» de Madrid, tem sido coroada de constantes triunfos e recebido as mais estrondosas ovações. E natural é que assim seja pois Lolita Baldó possue todas as caracteristicas d'uma verdadeira celebridade, marcando garbosamente os seus bailados regionalistas, bailados que ela estudou procurando-os na origem, viajando nas lindas terras do seu paiz.

Lolita Baldó não é uma fantasista de baile. Os seus numeros são a expressão maxima dos bailados populares ou dos bailes de sala primorosamente copiados do natural. Quando a gente vê Lolita Baldó dançar, o espirito não se cança de admirar e as horas decorrem num embevecimento, num extase que só termina quando os ultimos acordes das suas castanholas se perdem no espaço. Então as palmas estrugem empolgantes e significativas, resoam como que impelidas por um extranho fluido comunicativo da impressão causada pela insigne bailarina.

A vinda de Lolita Baldó a Lisboa é um verdadeiro acontecimento artistico que muito nos apraz registar e um esforço que muito honra o Alhambra.

Maria Victoria

A peça de actualidade, tão querida do publico, «Rataplan» com Laura Costa, a encantadora divette em numeros novos e sempre repetidos.

S. Carlos	S. Luiz	Salão Foz	Avenida	Politeama	Eden	Nacional	Apolo
Fechado temporariamente.	Fechado temporariamente.	As maiores atrações de Music-Hall.	Brevemente Maria Matos-Mendonça de Carvalho.	Enchentes com o «Leão da Estrela» da Parceria, com Chaby.	Em breve: «Frei Tomaz», revista.	Fechado temporariamente.	Conde de Monte Cristo com Ilda Stichini e Rafael Marques.

UMA NOVELA ALEGRE
COMPLETA

A novela macabra

Engraçada pagina da pitoresca vida interna dos jornaes onde se revelam ao leitor episodios duma profissão ele desconhece.

Os homens que vivem á sombra da morte são mais ou menos filosofos.

Não é cangalheiro quem quer. E' preciso ter tido na vida um momento de decidido bom humor—ou antes, de evidente superioridade, para se escolher justamente como modo de vida—a morte dos outros.

A qualquer de nós repugnar-lhe-hia passar os seus dias entre longos caixões de chumbo, passeando continuamente os olhos sobre as lamuriosas dedicatorias do «*eterna saudade*» e da «*ultima homenagem respeitosa,*» escolhendo tranquilamente entremeios dourados para os esquifes singelos ou argolas de prata para «as ricas urnas de mogno» que guardam para os seculos os homens de negocio. E, no entanto, ha saudaveis familias completas que vivem a enterrar os outros, explorando comercialmente as ultimas vontades e as ultimas vaidades—vivendo seguramente assentes sobre esse eterno principio de exibição tão velho como a propria humanidade.

Pois são essas pequenas profissões feitas á margem da morte, e algumas pelas á sombra dos jornais, que hoje em cavaco ligeiro se abrem aqui deante dos nossos leitores.

* * *

Aquela secção da necrologia, que os grandes orgãos publicam sempre, dá trabalho a fazer.

E' preciso uma engrenagem especial, instalada pelos hospitais, pela policia, pelas agencias funebres, para a trazer em dia. Em geral o informador dos obitos é uma pessoa considerada nas redações e que gosa dum certo prestigio junto das empresas. E' que o necrologio é uma secção de responsabilidade e o faltar uma noticia de morte é uma falha jornalistica de inportania.

«O amigo de infancia», com a cabeça entre as mãos velava o cadaver até á hora do café! . . .

O arrematante dessas noticias, que é sempre de certa edade, ganha não só pelos jornais para onde informa, como de varias outras origens.

Ganha pelas agencias funebres desde que consiga uma referencia á casa que trata do funeral, e ganha ainda pela familia do morto.

O informador, correto, com uma cara de funeral de primeira classe, apresenta-se em casa do ilustre extincto. Bate á porta. Dentro o sussurro e o escuro das casas dos mortos.

Ao principio ninguem sabe se é um amigo do morto. Então, avançando, inquire a meia voz: O cadaver está visivel? Indicam-lhe a camara ardente, e ele entra, considera em volta o ambiente, ouve os suspiros fundos e sorve o cheiro a flores. Ha sempre um minuto de recolhido silencio até que o informador se dirige ao herdeiro ou ao descendente que ali governa e com um ar pungido diz, em confidencia. »Eu sou dos jornais . . .»

—Ah! o senhor é...

—Sim senhor. Hade-me dar uns apontamentos.

Vão então para a casa de jantar, e com as janelas cerradas, vêm os detalhes biograficos.

E' aqui o momento do nosso homem entrar a matar:

—Deseja com retrato?

– Ah! pode levar retrato . . . ?

Se vê alguma exitação, o informador balbuciará: «E' a ultima homenagem...» É certo que ninguem resiste! — Quanto custa?

—São mais vinte escudos.

E, o retrato lá vai, restando ainda acrescentar que no jornal, por cada retrato de morto a empreza paga certa quantia ao informador.

* * *

A's vezes o desgraçado informador corre séca e méca para encontrar o morto.

Conta-se que um velho informador do «Noticias» soube da morte de determinada individualidade de importancia ali para a Costa do Castelo, e correu ao local onde sabia que aproximadamente morava a victima. Subiu escadas, desceu escadas, bateu em dezenas de portas, correu de cima a baixo e de baixo a cima, meia duzia de vezes a ingreme calçada—e o morto sem aparecer.

Por fim, já descorçoado bateu ainda uma vez e perguntou á creada.

—Foi aqui que faleceu uma pessoa?

—Sim, senhor . . . Está ali . . .

—Ora ainda bem!!—disse o pobre homem numa explosão de alegria.

Mas nisto,—oh! fatalidade, terrivel —sahiram-lhe de dentro de casa os filhos do morto e desancaram-no que o iam deixando sem concerto!

* * *

Apesar destes contratempos a profissão é invejadissima.

Quando morre um informador, os empenhos para o substituir são ás duzias. E' que é uma brincadeira que deixa 100 a 150 mil reis por dia. O outono é uma epoca cheia e por cada cruzinha preta que tu, leitor, vês no «Noticias»—ha um cavalheiro que cobra esse autentico imposto da morte, a que tu mesmo não farás excepção, a menos que previdentemente deixes nas tuas disposições: Dispenso de todo o coração o retratinho e a «ultima homenagem» . . .

* * *

E' ainda por intermedio duma informação de redação que eu te posso referir hoje, leitor ingenuo que apenas conheces a fisionomia externa da vida, e para fechar esta pagina, um curiosissimo e veridico caso, onde a par do engenho, da filosofia e até do bom-humor, ha o quer que seja de superior no desprezo e no conceito desta farça que se chama «a nossa vida».

Existiu ainda não ha muito em Lisboa um homem que vivia muito bem á sombra dos mortos.

Logo de manhã o homemsinho em questão lia nas gazetas quem morrera. Usava permanentemente uma «lavalière» negra e tinha por detraz dos seus oculos de miope o ar dum velho operario cançado e doente.

Apresentava-se e batia á porta do falecido. E, com uma atitude de completo desenho teatral, dizia, tratando o extincto pelo seu nome proprio, por exemplo: Posso vêr o cadaver do Luiz?

Se era alguem de familia que vinha á porta, perguntava logo: Conheceu-o?

—Deseja um retratinho? E' a ultimo homenagem...

—Fomos companheiros de escola—deixa-mo vêr?

Comovida com estas explicações, a familia trazia-o até junto do cadaver. Ali, o homem poderia ter esta exclamação: Pobre Luiz, como estás transfigurado!

—Deixem-me ficar um pouco junto dele!

E, com a cabeça entre as mãos, o «amigo de infancia» sentava-se junto do caixão e ali permanecia larguissimo tempo.

Chegava a noite, e á hora a que todos estão já mais ou menos fartos de velar o cadaver, aquele homem começava a ser mesmo uma utilidade.

De madrugada, quando todos tomavam o café e as torradas, quem o esqueceria? Era-lhe então fornecido em paga dessa imprevista dedicação, um serviço completo.

Quer dizer, na peor das hipoteses este pobre diabo, que era um valdevinos sem eira nem beira, tinha passado uma noite debaixo de telha, quente, junto das velas funebres e do cheiro das flores.

Numa noite de inverno e de chuva o caso não era para regeitar. Alem disso tomára á custa do morto o seu *primeiro almoço.*

Mas, isto na peor das hipoteses, porque, em geral, contava que, sempre que o falecido o encontrava, lhe dava uma esmola. E eles haviam sido velhos companheiros de escola a que os destinos diversos separara—e esta nota romantica da velha amizade correspondia sempre a um obulo generoso,

* * *

Tens pois, leitor, duas coisas a fazer, urgentemente (longe vá o agoiro!) E vem a ser: pôres nas tuas ultimas disposições.

1.º—Não quero derradeiras e respeitosas homenagens por 20 escudos.

2.º — Não tive companheiros de infancia com gravata á «lavalière».

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

SENHORA DA PIEDADE

Pequinino conto de amor cruel e real. Nele passa o sopro da morte prontamente esquecida. Leia. Apenas gasta dez minutos...

HENRIQUE acompanhou o medico até ao patamar da escada, os nervos vibrando numa extranha emoção de duvida:

—Então que diz doutor? É de cuidado a doença?

—Bastante! Quando teve sua mulher o primeiro ataque?

—Ha seis meses! Quando ainda eramos noivos! Uma manhã teve uma imoptise horrivel mas julgámos que fosse da garganta!

—Eu não quero desengana-lo nem dar-lhe esperanças vãs! Uso o sistema

—Estou melhor! muito melhor! então? nã chores . . .

de dizer a verdade: Sua mulher tem um pulmão inteiramente atacado e o outro já com algumas cavernas!

—Então...

—Tem de a levar imediatamente para fora! As hostias que receitei farão parar-lhe o sangue mas precisa de um tratamento rigoroso e imediato. Leve-a para o Caramulo, por exemplo! Um grande socego, nada de passeios, nem de fadiga!

—Compreendo, doutor!

—Não lhe prometo a cura completa! —e o doutor reparando que os olhos de Henrique se enchiam de lagrimas, atalhou rapido estendendo-lhe a mão —Repouso, ar, e terá vida para alguns anos...

* * *

No dia seguinte ao que chegaram ao Caramulo, a alma de Henrique encheu-se de esperanças. Emilia tinha dormido a noite de um sono, sem tosse, sem dores e pela manhã, os seus olhos tinham quasi readquirido aquele brilho alegre que Henrique tanta vez tinha contemplado sorrindo, quando ainda noivos se namoravam...

O director do Sanatorio tinha aconselhado um passeio á montanha, e os dois, ele muito alegre com aqueles sinais de saude que via abrir circulos rosados nas faces dela, Emilia, sentindo-se melhor, livre daquela tosse horrivel que lhe abria o peito em dores cruéis e lhe punha na garganta uma chaga aberta, uma dôr que a sufocava sem piedade.

Em volta, os longes iam-se pouco a pouco fundindo num azul aguado. Um vale enorme, como uma mancha gigante de verde, alastrava-se, subia encostas, abria clareiras de esmeraldas nos fundos negros das montanhas.

Henrique apontou uma cadeia de montes altos, tintos de luz nos picos:

—Vês alem, a Serra da Estrela!

—Tão alta! Parece que toca no ceu! E aquele arvoredo muito grande?

—É o Bussaco, a mata!

—Que lindo tudo isto! Chega a cançar os olhos, de olhar tão longe! Tanta distancia!

—Sentes-te bem?!

—Sinto! Ha tanto tempo que não respiro assim! Tenho um pouco de frio!

E logo Henrique, abotoando-lhe a gola do casaco de peles:

—Queres descer?

—Pois sim! O medico disse que não me demorasse muito no primeiro passeio!

E os dois desceram de vagar, ele estendendo-lhe a mão com cuidado, ela quasi feliz, sentindo o vento afagar-lhe docemente os cabelos, numa caricia amiga...

* * *

Ao oitavo dia, Emilia não poude ocultar que se sentia peor. A pontada no peito voltara mais aguda, mais cruel, e quasi não podia abrir os olhos por causa das tonturas.

E agora, de novo na sua casinha do Conde Redondo, tão alegre dantes, as horas da noite passavam horriveis, em estremeções de tosse violenta. O ar da montanha que nos primeiros dias lhe tinha dado tantas esperanças, fôra a causa daquele subito avanço da doença.

Henrique ouviu o medico:

—Demasiado tarde! O sanatorio agora só lhe faz mal! Leve-a! Leve-a!

E agora, n'aquelas horas pavorosas, sentindo o vento forte que lá fóra começava a abrir redemoinhos de folhas secas na Avenida, Henrique via aquela vida ir apagando se pouco a pouco, n'uma lenta dôr de sofrimento!

—Hoje estou melhor, vez? Não acreditas?

—Acredito sim!

—Olha quando eu estiver boa, havemos de fazer uma grande viagem, sim?!

—Sim! Sim!

—Mas para que tens lagrimas nos olhos?

Então! Agora que eu estou melhor! Levas-me amanhã a passear? O medico disse que eu precisava de distração! Levas, sim?! Verás como eu já não preciso do teu braço para me encostar! Sinto-me outra! Daqui a um mez estou bôa! Anda, agora vae trabalhar! e não penses mal, não?

—Não, meu amor!

—Vae, anda! Sinto sono!

Mas d'ahi a horas, emquanto Henrique tentava trabalhar no seu escritorio que ela dantes tanto alegrava, Emilia, tapando a boca para que ele não lhe ouvisse a tosse, a face palida queimada de lagrimas, tentava ajoelhar-se na cama e, os olhos muito abertos a uma imagem sagrada que tinha suspensa na parede, murmurou febrilmente, num grande desespero:

—Minha Nossa Senhora! Fazei que eu não morra! Fazei que eu me cure! Ele sofre tanto! Tende piedade, minha Nossa Senhora! Fazei qne eu não morra! Tende pena d'ele, do meu Henrique!

* * *

Emilia fazia um grande esforço para não mostrar fadiga. Fugiam da Avenida. O movimento dos carros e da gente, fazia-lhe tonturas. Meteram á Rua de Santo Antão. E, sem curiosidade, para disfarçar o cançaso, Emilia parava a ver todas as montras e, falsamente, a iludir Henrique, tentava sorrir, mostrar que não sofria.

—Olha aquela boneca tão engraçada!

—E' verdade!

—Já viste aquela jarrinha? E' bonita, não é!

—Queres que t'a compre?

—Não! O que eu queria era uma Nossa Senhora! Uma medalhinha!

—Então entremos aqui!

E os dois enfiaram para uma ourivesaria.

A loja era d'um amigo de Henrique:

—O' Brito, tens medalhas com Santas?

—Tenho! A minha casa tem tudo e do melhor!—disse o outro n'um reclame gracioso, cumprimentando Emilia.—V. Ex.ª está melhor?

—Um pouco! Ha dois mezes, sahi hoje pela primeira vez!

—E logo se lembrou do Barreto & Gonçalves da Rua de Santo Antão!—e Brito tentava dar a Emilia um pouco de alegria—Ora aqui tem uma medalhinha! Nossa Senhora da Piedade! Vae ser a sua padroeira!

—Deus o oiça!

—Verá! Verá que d'aqui a oito dias telefona para o N. 3759 e muito alegre dirá:—O' Brito! Mande-me cá o caixeiro com um colar de perolas!—e o Brito, na santa intenção de alegrar aquela quasi-morta, soltava grandes gargalhadas.

* * *

Henrique sabia bem que não havia uma unica esperança. Emilia devia morrer antes de amanhã, como tinha dito o medico. Já não chorava. A sua face tinha adquirido a imobilidade das grandes dores. Ela chamou-o.

—Meu amor! Morro! Sinto que vou morrer! Já não te vejo! Não chores não! Então, Deus não quiz... Paciencia... Olha, guarda a medalhinha com a Senhora da Piedade! Nunca te separes d'ela. Foi a ultima coisa que me compras-te... Tral-a sempre contigo... Não a dês nunca, não?

* * *

—Aqui tens a historia!—disse-me o Brito—Agora compõe á tua vontade!

—E Henrique?

—Casa amanhã com a fiiha do Freitas Lopes.

—E a medalha?

—A Senhora da Piedade? Veio trazerm'a ha dias, juntamente com outros objectos para derreter e fazer uns brincos! Creio que são para a nova esposa...

—E tu?

—Não a derreti! Queres vel-a?—e o

Algumas flores cobriam aquele pedaço de terra que escondia para sempre, o corpo franzino da pobre Emilia, da desventurada Emilia . . .

Brito abriu um estojo pequeno que tirou do cofre—Aqui a tens!

Era uma medalhinha simples, de ouro. Num lado tinha gravada uma santa, na outra face um nome de mulher: *Emilia.*

Aquele que viu...

SECÇÃO A CARGO DE ***REI.FERA***

COMO SE FAZEM CHARADAS

Toda a gente pode aprender com as nossas pequenas explicações a resolver UMA CHARADA!

CHARADAS EM FRASE

Toma-se uma palavra que se possa decompor em duas ou mais palavras. Exemplo:

CAMELO

que decompomos em

CA e MELO

Obtenhamos agora, respectivamente, dois sinonimos daquelas palavras ou termos que lhe correspondam: podem ser

AQUI e HOMEM

Depois confecciona-se a charada com uma frase que cada um arranjará a seu gosto, notando, no entanto, que no fraseado a adoptar devem ficar intercalados duma forma harmonica os sinonimos das palavras. Exemplo:

AQUI está o HOMEM que comprou o ANIMAL.1-2.

As palavras resultantes da palavra decomposta, chamam-se conceitos parciaes, e esta conceito total.

Os numeros colocados no fim da frase indicam o numero de silabas de cada conceito parcial cujos, somados, dão o numero de silabas do conceito total que é, neste caso, *Camelo*, o qual é, por sua vez, no fim designado pelo termo: *Animal*. Compreendido?

CHARADAS EM VERSO

Adopta-se precisamente o mesmo processo, sendo apenas a frase substituida por um verso. Exemplo:

Meus senhores, *aqui* esta.—1 (CA)
um *homem* fenomenal,—2 (MELO)
tem o corpo cheio de pelo
como qualquer *animal*. (CAMELO)

Simples facil de compreender e fazer. No proximo numero tratarei d'outras variedades de charadas.

REI-FERA

QUADRO DE DISTINÇÃO

DROPÊ 14 decifrações
ERRECÊ 13

CAMPEÕES DECIFRADORES DO N.º 32.

Decifrações do numero passado:

Charadas em verso: Zythogala, Rapazola. Rei-Fera.
Charadas em frase: Solimão, Vigario, Diafa, anoema, acroama, epistola, Sagacidade, aveaco, retrogrado, opado, passa-muros.
Sincopadas: Pateta-pata, metodo-medo.
Aumentativos: Deã-o, pernã-o, penã-o, agriã-o.
Electricas: Aorta-atroa, agrada-adarga.
Tipograficos: Apostolado, Agravantes.
Enigma: Urú.

CHARADAS EM VERSO

Vou jogar na lotaria,
Tenho bilhete comprado,
E que agradavel seria
Se sahisse premiado.

Oxalá que assim suceda.—2.
Já que tenho agora ensejo,
E que a sorte me conceda
Este meu grande desejo.

Se fôr feliz, meu amor,
Como espero vir a ser
Prenda de grande valor
Só a *ti* hei-de oferecer.—1

Mas se acaso suceder,
Que tudo veja perdido,
Então meu bem podes crer
Que fico *doido varrido*.

PORTO — ERRECÊ (EX-ZARITA)

Sem ter pés, *sem ter cabeça*,—4
Sem ter cabeça e sem pés,
Quem há que não entonteça
C'o trocadilho ao revez?

Sem ter pés, não *conseguia*—3
Dum lado p'ro outro andar.
Sem ter cabeça, até ia
Ao Coliseu, sem pagar.

Repito ainda outra ves,
Para que assim se esclareça;
Não tem cabeça nem pés,
Não tem pés nem tem cabeça.

REI-MORA

(Ao Ex.mo Director desta Secção.)

Salvé! Ilustre «Rei-Fera»,—2
Edipista de verdade;
Com muita cordialidade,
Eu *te* saudo, sincera,—1
Francamente e com efusão.

Tal qual como a senti,
A minha saudação,
A *toma para ti*.

GUARDA — HICCO-ZONHI

CHARADAS EM FRASE

Apenas de *sete em sete dias* é que o meu *homem* lê o *Domingo Ilustrado*—3—2

REI-VAX

Assim *pregado nessa cruz* é *inutil* pedir socorro. Pobre homem! 2—1

LUSITANICUS

Aqui, *acolá*, em cima dum *pedra* ou onde lhe pareça, *aqui*, repito, uma dama *oferece* uma *pancada na cabeça*, 1—1—1—1—1.

ZELIA BORGES

Não, não e não:—o doente não tem essa *febre* 1—1—1

Uma grande *soma* de dinheiro preocupa-nos o *espirito extremamente*. 2—2

GUARDA — HICCO-ZONHI

(Ao confrade «Lusitanicus»)

Repare o colega que se o *povo* não olhar como deve pela sua *casa*; aqueles em quem ele delega, não lhe sabem *vigiar os seus interesses*. 1—1.

(Ao colega «Democrito», de quem espero replica)

Qual é o *marisco que corre como moeda no Congo* e é apanhado no *Chiloango*, sendo depois posto a secar na *parte exterior da cupula dos edificios?* 2—2.

DROPÉ

SINCOPADAS

(Para ser decifrada por «Saturno»)

3—Já sei que foi você que disse *estar vago* o lugar de *profeta!*—2

(Ao confrade «D. Fuas»)

3—Por o rio *exalar vapores* é que eu fui obrigado a *recolher a embarcação*—2

DROPÉ

PROVERBIO A ADIVINHAR

Dei 'ma lembrança de Braga,
ao meu primo Zé Calado;
ele agora da-me, em paga,
um chocho repenicado,
p'ra confirmar o dictado:
. . . .

MARIO BELO

FRASES E RUAS

Compôr, com as letras da seguinte frase, o nome duma arteria de Lisboa.

AR E CHUVA, SR. REI-FEIRA

DÁ LICENÇA?

TIPOGRAFICOS

PEREIRA RUIVO

Solução do problema n.º 32

	Brancas	Pretas
1	6-10	13-6
2	15-18	22-15
3	10-19	24-15
4	1-10-19 Ganha	

PROBLEMA N.º 33

Pretas 1 D 1 p.

Brancas 3 D.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 31 os srs. Artur Santos, José Brandão, Sarapico (Colares) Um Chiquinho (Bragança), Um oficial (Penafiel), Xicatoino (Vila Viçosa).

—

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo ilustrado», *secção do jogo ar's Damas*. Dirige secção o snr. João Eloy Nunes Cardozo.

O NOTAS G NOTA 500 NOTA TI
VOB É 1.000$000 NOTA MADEIRO
HOMEM

DR. SABÃO

—

INDICAÇÕES UTEIS

Toda a corresponpencia relativa a esta Secção deve ser endereçada ao seu director e enviada a esta redação.

Publicamos toda a qualidade de produções charadisticas, que nos forem enviadas, desde que obedeçam ás regras já sobejamente conhecidas dos srs. charadistas.

E' conferido o QUADRO DE HONRA a quem nos envie todas as decifrações exactas, entregues até cinco dias após a saida dos respectivos numeros.

Os originaes, embora não publicados, não se restituem.

Ao director desta Secção assiste o direito de não publicar originaes que julgue imperfeitos ou estejam fóra das regras.

CORREIO DO MOINHO

MATUTO.—Muito grato pelas informações que se dignou fornecer-me.

ERRECE, DROPE, HICCO, ZONHI.—Agradeço sinceramente as palavras elogiosas que me dirigem e bem assim a sua valiosa colaboração.

REI DO ORCO.—Esperamos que muito breve nos honre com a sua prestimosa colaboração.

JUVENAL BENADES.—Diz V. Ex.ª—referindo-se á charada «Salto de Cavalo» que me enviou—não conhecer esta especie... Como sei que não foi V. Ex.ª o seu inventor, naturalmente que deve ter visto algumas publicadas, já que mais não seja, no Manual do Charadista...

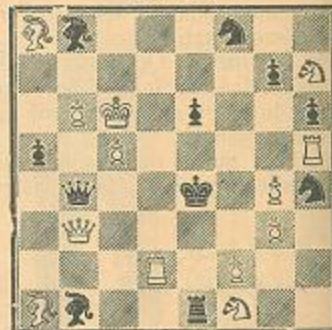
SRS. CHARADISTAS:

Comunico-lhes a pedido do distinto charadista Zarita, que o mesmo passa, de futuro, a adoptar o pseudonimo de *Errecê*.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 33

Por J. C. I. Wainwright (911)

Pretas (11)

Brancas (13)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

—

O problema de hoje é um—Task—isto é um record de 23 variantes sem o recurso de promoção.

—

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 31

Este problema obteve o primeiro premio no concurso de Bristol em 1861. O seu tema causou surpresa, tornou-se notavel e ficou constituindo um tipo de problema chamado «Bristol».

A T de 1 D joga para 1 T R afim de desobstruir a fileira para onde a D joga a 1 C D e depois a 1 C R dando mate.

—

A «Tribune de Genéve» diz-nos que a iniciativa de um amador de Haia que obteve autorisação para fazer cursos de xadrez aos penitenciarios deu excelente resultado.

No seu ultimo relatorio a «Sociedade holandeza para regeneração dos presos» informa que a pratica do xadrez e do jogo das damas tem feito grande progresso nas prisões.

(CONTINUAÇÃO)

Dois mates são diferentes.
Quando o Rei o Sofre em duas casas diferentes.
Quando existem razões essencialmente distintas para que um certo lance de defesa seja ilegal.
Se os cheques provem de diferentes peças.
Se os cheques são dados em casas diferentes.

GRAFOLOGIA

o caracter revelado pela caligrafia

RESPOSTAS A CONSULTAS

SZIEG HOO.—Interessar-me-hia a sua analise feita com calma e mais documentos. Era favor enviar-me mais escrita. Respondo-lhe no mesmo dia, visto perder o numero de ordem com esta resposta.

SIMPLICISSIMUS.—Caracter energico acostumado a mandar. Dedicado por impulso, e frio por calculo, inteligente, indolencia intelectual. Optimismo, orgulho sem vaidade, curiosidade, ambição, prodigo em dinheiro. Amante das artes e das mulheres, espirito critico, acertado.

MARIASINHA.—Optimismo, inteligencia assimilavel, boa memoria, amor á musica. Sentimento de poesia, generosidade, religiosa sem exagero, ideias claras. Habilidadem anual, equilibrio moral, amor aos bons livros.

REVOLUCIONARIO.—Inteligencia vulgar, má memoria, egoismo, vaidade pueril, indecisão. Reserva, vontade de saber, espirito religioso.

BEBAS.—Ordem, juizo claro, intuição, bom gosto para tudo. Imaginação exaltada, romantica, trato afavel, muita vaidade, palavra facil, generosidade, muito amor á poesia e á musica. Boa memoria, idealismo, discreção, lealdade, sonhos ambiciosos.

JOSÉ DA CANDOSA.—Muito inteligente, pratico, trabalhador, dedicado, de ideias sãs. Espirito forte de lutador pela vida, generoso de ideias, bom gosto. Ordem, metodo ... falta a assignatura que dá grandes indicações para a analise.

GIRA SOL DA NOITE.—Imaginação desembelhada, vaidade, bondade, prodigalidade. Inteligencia e qualidades mal aproveitadas, ordem nos objectos, boa memoria, dedicação curiosidade. Amor ás flores e aos livros, teimosia em coisas sem importancia. Afeição. Mente sem saber porquê.

CAMELIA BRANCA.—Dedicação, espirito claro, leadade. Vontade forte, energica, força moral que chega até aos outros. Bom gosto, discreção, ordem.

JOBARQUI.—Força de vontade, sentimento do dever, ausencia total de vaidade. Inteligencia clara, gostos sobrios elegantes, um tanto idealista por amor á humanidade. Ordem, juizo claro, amor á verdade.

ESPADA.—Nervos desiquilibrados, espirito ironico, boa inteligencia, idealismo, sentimento de poesia (amargurada), pouco dominio sobre si proprio. Espirito religioso, amor aos livros, sensualmente cerebral.

SEMPRE FINA (?).—Equilibrio moral, dedicação, bom gosto, sentido pratico das coisas. Dignidade bem ententida, amor á estetica, bom gosto artistico, frase facil e atraente.

GRAZIELA (Junto com Espada e Sempre Fina).—Grande imaginação, vaidade, nervos irrasciveis, voluntariosa, tenaz, inteligencia orgulhosa, optimismo. Energica, violenta á vezes por temperamento, ideias largas e bondosas.

VAC.—E ... orgulho e vaidade unidos a uma grande creancice, é o que V. Ex.a tem como maior defeito. É ordenado, generoso, não desgosta de trabalhar embora se queixe sempre. Lê muito e assimila mal.

E. R. PALMA.—Grande força de vontade, com algumas impaciencias, ordem e curiosidade. Simples, trabalhador e ambicioso, bom diplomata sabe sel-o quando convem. Generosidade bem entendida, ideias e resoluções rapidas, optimismo, em arte sobrio é bom critico, pouco vaidoso.

FRANCISCO T.—Grande imaginação, generosidade prodiga, desordem moral. Idialista humanista, bom gosbo, furioso em ninharias, pouco dominio de si proprio, para não dizer nenhum. Curiosidade, tão pronto é optimista como pessimista, sensualmente cerebral, amavel e delicado no trato.

L. B. Borges.—Grande imaginação, força de vontade, impaciente, ideias largas. Generosidade, habitos autoritarios, grande inteligencia mal aproveitada, leal fidalguia espiritual, bom gosto. Amigo do seu amigo, sensualmente cerebral.

S. O. L.—Boa inteligencia, amor á sciencia, originalidade, boa disposição de espirito. Sentimento do dever, equilibrio moral, generosidade bem entendida, dedicação sem grandes manifestações exteriores. Bom gosto artistico, espirito fantasista, valente, impulsivo, ordem.

UODAMA.—Egoismo infantil, inteligencia pouco cultivada, nervoso e deixando-se arrastar pelo temperamento. Sensualidade forte, voluntarioso, prodigo por falta de calculo, valente, vingativo. Gosta de comer bem, pouco vaidoso.

L. C. G.—Bom caracrer, trato afabilisimo, talvez pelo habito de tratar com muita gente. Ambicioso, tenaz, inteligente e franco, sentimento da arte em todas as manifestações. Energico, arriscado, com os nervos bem dominados, sem vaidade mas com um orgulho e uma dignidade pessoal bem entendida.

GEORGE SAND (Belas).—Boa força de vontade, tenaz e constante, detalhista paciente, com boa saude e nervos bem equilibrados. De todas as paixões humanas, só a mulher o consegue fazer desviar do seu passo ordenado. Colecionador, com bastante habilidade manual, admira as grandes figuras. Energias, impulsivas, mas não é capaz de as sentir, o seu bom senso, detei-n'o. Será um bom pae de familia. A's vezes limpa o pó da sua secretaria...

CLAVE DE SOL.—Força de vontade, nervos fortes bem dominados, ordem. Egoismo, pensa bem as coisas antes de as fazer, muito sensual, caracter ciumento. Bom gosto, aceio, optimismo, pouca vaidade.

LOTINHA (que tambem tem um Werter).—Muita imaginação, inteligencia impaciente, graciosa de movimentos. A's vezes pouco meiga, excesivamente nervosa, intuição, caprichosa. Teimosias pueris, bom gosto, amor ao livros e veracidade.

H. C. Lopes (Porto).—Grande imaginação e muita vaidade, optimismo, espirituoso, generoso e dedicado, tem muitos amigos. Ideias proprias, muito bom gosto, inteligente, aprende tudo quanto quer, mas não tem metodo, sentimento de poesia, dança bem e gosta de dançar. Um pouquinho religioso, são de espito, amavel e bondoso.

UNE PARISIENNE.—Força de vontade para tudo, energia moral, trabalhadora, ordenada. Habitos de boa vida, optimismo, algo ironica mas com bastante espirito. Bom gosto, boa inteligencia, algo egoista e muito desconfiada.

UMA MULHER SEM IMPORTANCIA.—*Tenacidade* porque insiste. *Orgulho* porque julga que se conhece a si propria e está muito convencida de que tem razão. *Espirito ironico que chega* a ser mordaz. . . a sua carta é o melhor documento. Como sabe que não é egoista? *Ambição!* Mas não se pode ter orgulho espiritual sem ter ambições! E quer acreditar? Estou muito mais convencida de que pertence ao sexo forte . . . Peço-lhe o favor de me poupar o espaço com explicações que nada adiantam, praticamente. Tenho tão pouco espaço para responder ás consultas . . .

A DAMA ERRANTE

Muito importante.—São ás desenas as consultas que recebo todos os dias. Devido ao limite do espaço, não posso responder a todas as cartas tão rapidamente como desejam os consulentes. As cartas são numeradas pela sua ordem de recepção e as repostas seguem essa mesma ordem.

Peço por isso aos meus clientes um pouco de calma e paciencia . . .

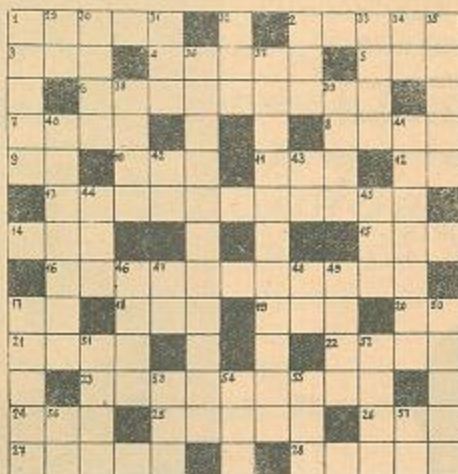
Tambem rogo o favor de não me mandarem consultas escritas a lapis porque de nada me servem.

D. E.

Quer saber o seu caracter? As suas qualidades e defeitos? Envie seis linhas manuscritas em papel não pautado, acompanhada de um escudo para—«*A DAMA ERRANTE*».

RUA D. PEDRO V, 18,—LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

o passatempo da moda

HORIZONTALMENTE

1—permanecer 2—dôce 3—oriental 4—refrigério 5—indivisivel 6—afligir 7—uma das tunicas do globo do olho 8—planta urticária 9—Nota musical 10—especie de antilope 11—som 12—unico 13—predestinações 14—ensejo 15—ergue 16—acto de regressar 17—anel fino e liso 18—gavinha 19—pronome pessoal fem. em inglez 20—opereta italiana 21—outorgar 22—um dos elementos constituidos da atmosfera 23—volumes geometricos 24—prefixo designativo de «Terra» —25—aplicai tintura 26—china 27—ventos do oriente 28—metal.

VERTICALMENTE

1—Inédia 2—onomatopeia de chamar 17—rio italiano 29—contr. da prep. com o artigo 30—idiota 31—quantidade imumeravel (pop.) 32—gaste 33—duração 34—prep. latina 35 tumulto 36—voluvel 37—frustada 38—João (ling. antiga) 39—preparo 40—viperino 41—musgoso 42—pron, pess. max. em inglês 43—dialecto francez 44—atormenta 45—safa! 46—pref. grego indicativo de «á roda de» 47—outra coisa (ant.) 48—lodo 50 instiga 51—ave 52—escuro (ant.) 53—rio de Portugal 54—abreviatura da locução «tudo se descobre» (em latim) 55—gracejar 56—pronome 57—artigo arabe.

Decifrações do numero anterior

HORIZONTALMENTE

1—lacrimeja 2—sim 3—uva 4—lages 5—urano 6—cavador 7—atolado 8—nota 9—zero 10—obi 11—mau 12—en 13—idos 14—atar 15—ir 16—ira 17—rei 18—assolar 19—curadas 20—eb 21—os 22—ana 23—sim 24—alapar 25—ufanas 26—ara 27—mau 28—ao 29—os 30—ha 31—mo 32—ornava 33—sapato 34—saudar 35—adorar.

VERTICALMENTE

1—liga 2—sava 4—latinos 6—cabe 7—as 8—no 14—arca 18—al 20—emanados 22—al 23—saudoso 24—ama 25—um só—amor 37—ir 38—juro 39—aval 40—assar 41—só 42—terra portuguesa 43—ré 44—arar 45—ou 46—edil 47—cair 48—ora 49—sara 50—teu 51—só 52—saltador 53—na 54—apanhar 56—in 56—má 57—as 58—rã 59—fa 60—sós 61—ra 62—nu 63—ad 64—va 65—ad 66—pó 67—ar 08—ta.

IMPRENSA INFANTIL

As creanças portuguezas começam a ter já a sua imprensa propria. A nossa gravura representa o momento em que alguns pequenos do povo compram os *Sportsinhos*, um novo jornal lançado pelo grande orgão sportivo *Os Sports* e que mercê da sua excelente orientação obteve um exito formida vel.

Actualidades gráficas

O 18 DE ABRIL

RAUL ESTEVES, figura de grande prestigio nos meios militares e que acaba de produzir enorme sensação com um depoimento violentissimo, ao responder nos julgamentos do Arsenal, no tribunal militar que ali funciona para liquidação do 18 de Abril.

Uma figura eminente do exercito e chefe revolucionario do 18 de Abril.

OS GRANDES SPORTS NAUTICOS

ANTONIO SOARES, o 2.º a chegar á meta na travessia de Lisboa e nadador de grande «fórma».

OS GRANDES SPORTS NAUTICOS

ALVES MIGUEL, grande nadador português que ganhou a travessia de Lisboa a nado, com uma prova brilhante.

SPORT NAUTICO

O «Az» feminino da natação portuguesa Estela de Carvalho a grande vencedora das ultimas provas nauticas.

NO TEATRO

LOLITA BALDÓ, a notavel bailarina que trabalha com enorme exito no Alhambra do Parque Mayer, sendo hoje o grande atractivo das noites de Lisboa.

BARROS QUEIROZ

O ilustre Presidente do Conselho Administrativo da C. P. que legislou sobre passagens aos artistas dramaticos em «tournée» e cujo alto criterio preside aos trabalhos do grande organismo português.

PUBLICIDADE

BRISTOL
CLUB

O melhor
de
todos

SALÃO AMERICANO

AMPLO SALÃO DE BILHAR
COM TODOS OS CONFORTOS MODERNOS
Serve-se Cerveja e Café
Preços resumidos
AO CONFORTAVEL SALÃO
LARGO DO REGEDOR, 7

O melhor automovel **O. M.** A melhor ::: marca :::

O unico automovel bom

DR. ANTONIO DE MENEZES
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem

ORTHOPEDIA

Rachitismo—Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adulto
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIB DADE, 121, 1.º, LISBOA
TELEF. N. 908

FOTOGRAVURA NACIONAL L.DA
Rua da Rosa 273
LISBOA
TEL-NORTE-3538

RESTAURANT
Castelo dos Mouros
PARQUE MAYER
Variações de toques de guitarra pelos distintos guitarristas
JULIO CORREIA E CESAR
TODAS AS NOITES
ABERTO TODA A NOITE

SAPATARIA CAMONEANA
CALÇADO DE LUXO
FABRICO MANUAL. QUALIDADE IRREPREENSIVEL.
VISITEM O NOSSO ESTABELECIMENTO
R. CONDE REDONDO, 1-A, 1-B
(AO BAIRRO CAMÕES)

ATRACÇÕES PELAS MAIS FORMOSAS ARTISTAS
Dancing—Orchestra Gounod
Das 5 da tarde ás 5 da madrugada
TODOS OS DIAS NO
Alster Pavillon
38, Rua do Ferregial, 40
UNICO CABARET ARTISTICO DE LISBOA—CAFÉ, CERVEJA, WHISKIES, COCKTAILS, LICORES, ETC.

OS APARELHOS FOTOGRAFICOS
"CONTESSA NETTEL"
CONTINUAM A BATER O RECORD DA PERFEIÇÃO.
GARCEZ, L.DA
Rua Garrett, 88
TRABALHOS PARA AMADORES

QUERE CONHECER ALGUMA COISA DE ESTILOS DE ARTE?
LEIA OS ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE DE LEITÃO DE BARROS
4.ª edição á venda.

O DOMINGO
ILUSTRADO
Aceita agentes em toda a parte onde os não haja

BREVEMENTE A

A Novela do DOMINGO

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

SÉDE:—LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA:—LISBOA, CAES DO SODRÉ

CAPITAL SOCIAL	CAPITAL REALISADO	RESERVAS
ESC. 48:000.000$00	ESC. 24:000.000$00	ESC. 34:000.000$00

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE:—Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL:—S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL:—Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane Moçambique e Ibo.
INDIA:—Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA:—Macau.
TIMOR:—Dilly.
FILIAIS NO BRASIL:—Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA:—LONDRES 9 Bishopsgate E—PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS:—New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUESES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

O 18 DE ABRIL

Um julgamento sensacional

Um grupo de oficiaes onde está parte da *elite* do nosso exercito, fez o *18 de abril* na convicção de com esse movimento salvar a Patria do descalabro em que a nossa pobre terra cahiu. As suas intenções eram puras, a sua nobreza impressiona. Os julgamentos da Sala do Risco, têm constituido o mais tremendo libelo acusador que se tem feito aos dirigentes do governo português.